

# DANAE

Licenciatura

5'

2015

# EM VEZ DE MIMOS, SEMEAVA...

Licenciatura

3'

2014





## Sinopse

### Danae

*Danae* aborda a vida de uma personagem da mitologia grega, Danae, mãe de Perseus e alvo de paixão por parte de Zeus. Além de uma homenagem ao conto, é também uma metáfora sobre a fertilidade da natureza.

### **em vez de mimos, semeava...**

Vídeo experimental sobre uma relação interpessoal e a projeção que um indivíduo faz sobre outro e inverso.

## Ficha técnica

### **Danae**

ARGUMENTO

Laura Vilares

DIRECÇÃO DE ARTE

Laura Vilares

DIRECÇÃO DE FOTOGRAFIA

Laura Vilares

EDIÇÃO

Laura Vilares

MÚSICA

Cláudia Leite; Laura Vilares

REALIZAÇÃO

Laura Vilares

SONOPLASTIA

Cláudia Leite; Sérgio Braga;

Laura Vilares

### **em vez de mimos, semeava...**

MONTAGEM

Laura Vilares

REALIZAÇÃO

Laura Vilares

SONOPLASTIA

LAURA VILARES; CLÁUDIA LEITE



## **Prémios e Exibições**

**em vez de mimos, semeava...**

PRÉMIOS SOPHIA ESTUDANTE

2º Lugar - Animação

2015

# ***DANAE E EM VEZ DE MIMOS, SEMEAVA OVOS NAS COSTAS DE LAURA VILARES***

**ANTÓNIO COSTA VALENTE**  
AVANCA FILM FESTIVAL

## **Primeiro**

Um ovo e uma vagina têm quase a mesma forma. Ambos mergulham numa latência de sinal que parece transportar relações, referências e focalizações que entroncam e envolvem-se no processo conhecido do nascimento. Ambos têm no começo o limbo da sua plenitude imagética enquanto símbolos do essencial, mas ambos entroncam também nos caminhos do imprevisível.

De alguma forma começar | nascer nada significa em previsibilidade futura por conter quase só fragilidade e um campo aberto e portanto confuso de desenvolvimentos e possibilidades.

Terá sido por este contexto que parte significativa de desenvolvimentos da história moderna e contemporânea da arte tem encontrado, nestes dois objetos/peças/núcleos/contextos, a simbologia exploratória de tantos projetos com que se tem evoluído, concretizado e caracterizado tanto da nossa criatividade artística contemporânea.



Um ovo é uma bola a quem se parece ter recusado a universalidade da sua forma e a adaptabilidade total à totalidade do contacto material. A vivência tridimensional a 360° de uma bola trava fortemente na sua quase igual forma de um ovo. O ovo, ao contrário da bola, cai, move-se sem previsão total, adapta-se diferentemente ao mundo onde acontece um contacto. Um ovo tem história porque a faz, motiva-a, implica-a, irracionaliza-a, promove percursos onde se poderia promover estabilidade. O ovo é a pura instabilidade que parece ter motivado a forma de avanço de uma bola de rãguebi que progride no campo voando para trás.

O começo e o nascer num ovo nunca acontece por crescimento. Afinal um ovo só é ovo quando atinge a sua forma visível num espaço exterior, quando contacta com o ar que todos respiramos, quando faz parte do nosso mundo visível. Mas tudo só acontece (o nascer e o começo que mais simboliza), tudo começa quando o ovo termina, quando se quebra, parte, morre. Termina aí a sua forma perfeita, a que sempre evoluiu nos espaços e nos contextos imperfeitamente.

A vagina não é um ovo. Desenhada velozmente parece ter nascido de um ato rápido de pura criação. Expressionista, escondida, propositadamente talhada num lápis pouco afiado, de multi rasgos e complexas mutações que



parecem tornar inapropriado o aproximar ao ovo. Serão tão somente o branco e o preto da mesma cara? Terão por cá o desejo de batalhar conceitos para os multiplicar e daí reduzir a cinzas o que poderia ser uma teoria fundamentada do começo, do nascimento? Ou serão só complementares? Afinal vaginas há por onde os ovos vêm à luz e chocam com o respirar do nosso ar.

Não sendo o ovo, não o será em forma de gemada? Não o será sem casca? Não terá essa função da imortalidade do ovo, na existência mutante da transformação subsequente que justifica a ideia de que nada se perde? A vagina estará por aqui? Será a junção do ovo com um imenso seio | monte de açúcar? Será o húmido sugar numa catarse linfática onde a multitude de cada porção de açúcar chupa o interior do ovo e perfaz volume de escultura eminente – um nascer de matéria de duas vias.

Vulva talhada no rasgo criativo da doçura? Da gema, da clara, do açúcar? Da gemada como crescente de um esmagamento? De um conturbado e bravo ato de submissão de matérias? Ou simples e temporal desmembramento providencial molecular?

Protegida mais que escondida, criada de rasgos, de punções, de febre, a função do nascer, do começo tem na vagina a flor local de uma tese perene.



### **Filme *Danae***

Uma imagem de mil esponjas abre o filme.

Um título? Letras surgem juntas onde a luz e pequenos elementos deixam-nos poisar sobre uma palavra onde tudo acontece, mas onde nada substancialmente a transforma.

Umhas longas barbas portam um velho que foca uma nudez feminina. A barba é agora baba.

Entre uma quase infundável cabeleira, entre isso e cama, cabelo rodeia corpo nu.

A terra entre a vagina, a humidade, um dourado que tudo invade num corpo antes do nascer.

Nasce – uma nova personagem e nascem ovos verdes?

Da lembrança de transformação entre alguma quietude do título, surgem sobre o recém nascido os verdes e os pequenos elementos, cobrindo-o (protegendo-o?).

Um copo (um mundo reduzido) ou o velho parecem salvaguardar entre as mil esponjas o que poderá ser a origem do recém nascido. Mãe, filho, braços, mão e caminho para o velho.

Quatro minutos de muitos elementos multiplicando as imagens do seu suporte.

### **Filme *Em Vez de Mimos, Semeava Ovos nas Costas***

Um óculo (forma obrigatória e minimal para o nosso espreitar), e depois um título.

Um par azul.

Ovos e plantas que nelas nascem.

Elementos da natureza (moldados em matérias fora dela), e o par azul mais próximo. E nós também mais próximos.

De costas, nas costas, ranhuras e os ovos surgem.

Plantas? Ovos? Ovos de plantas?

Passos de quem só isso pode fazer? Minimal corpo funcional? Um percurso de começo?

Par azul, sempre próximo, agora preparado e esperando. Par azul invadido, coberto.

Um ovo. Dois minutos de um filme e de um par azul.

### **O som**

Um som orgânico como o respirar e tudo o que se possa fazer por ali ao mesmo tempo. Soprar, chupar, latejar, língua contra paredes bucais e todo o som animado por um corpo explorado enquanto se tenta respirar. O som dá um abraço às imagens, como as personagens do filme o vão fazendo. Tudo parece sair duma mesma família, num momento que se capta ao vivo numa contínua *performance*.

Um som em bruto, sem procura de afinações, reformulações. Corpo como é, é assim o som que dele vem e se cola aos filmes.

### **As matérias**

Húmido, desmembrado, sulcado, rasgado no lugar de cortado, cada matéria dos filmes é um manancial de expressão interventiva dos dedos, das mãos, dum fazer contínuo onde o lugar das ferramentas tem pouco por onde se expandir.

Moldados na plasticina, nas pastas brutas sobre corpos rijos. Objetos reconhecíveis atacados de um quase frenesim de ação, transformação e muitas vezes multiplicação. Tudo se anima, incluindo e sobretudo o que permite a imagem: a luz.

Fontes de luz que ou tudo iluminam ou disso escapam, num jogo constante de experimento, de “se”, de quase caótica construção de possibilidades.

O corpo da criação diverte-se a consolidar indefinições na matéria apetecivelmente transformável.

Cada pedaço de pasta é um repto à decoração sobreposta, ou ao voltar a eclodir por ali um novo crescimento. Pastas que se moldam numa animação por vezes dançante, pastas por vezes imóveis num jogo em que outros elementos se lembram de lembrar o princípio do imparável com que estes filmes sempre se envolvem.

Contrastes de cor para sobrepor o poder claro de um ovo, negros de rubro pendor onde humidade parece sufragar. O poder do calor tórrido emanado de cada imagem.

### **A autoria**

Dois filmes, duas obras de princípios de quem marca início de escolha, de carreira, de expressão. Laura Vilares, autora para acompanhar e voltar a espreitar.



